

## O PANTANAL, SUAS PAISAGENS PROCESSUAIS E SIMBÓLICAS NA FRONTEIRA DE CORUMBÁ/MS/BRASIL, PORTO SUAREZ E PORTO QUIJARRO/SANTA CRUZ/BOLÍVIA

PATRÍCIA CRISTINA STATELLA MARTINS<sup>1</sup>  
CHARLEI APARECIDO DA SILVA<sup>2</sup>

### Resumo:

Pretende-se discutir a paisagem do Pantanal Sul-Mato-Grossense, mais especificamente de Corumbá/MS/Brasil, Porto Suarez e Porto Quijarro/Santa Cruz/Bolívia. A paisagem é analisada sob dois pontos de vista: a paisagem como geossistema e a paisagem simbólica. Percebeu-se que existe uma incapacidade da atividade turística em trazer para si a paisagem natural. Do ponto de vista da paisagem simbólica, observa-se como a mesma é apropriada pelo turismo considerando que expectativas e imaginários relacionam o Pantanal à possibilidade de um encontro com a “natureza” e o fato de que o olhar do turista percebe apenas o turismo de compras. Mas as possibilidades associadas à cultura e à condição de fronteira são diversas.

**Palavras-chave:** Pantanal; Geossistema; Olhar do turista.

### Abstract:

We intend to discuss the landscape of the Pantanal in Corumbá, in the Brazilian State of Mato Grosso do Sul, and the Bolivian cities of Puerto Suarez and Puerto Quijarro, both in the Department of Santa Cruz. The landscape is analyzed under two standpoints: the landscape as a geosystem and the symbolic landscape. We have noticed that tourism is unable to bring about the natural landscape. Under the perspective of the symbolic landscape, we have noticed how it is appropriated by tourism considering that expectations and imagination relate the Pantanal to the possibility of an encounter with "nature" and the fact that the tourist gaze perceives only the shopping tourism. However, the possibilities associated with culture and borderline conditions are diverse.

**Key-words:** Pantanal, Geosystem; The tourist gaze.

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Doutorado - da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail de contato: [martinspatriciacristina@gmail.com](mailto:martinspatriciacristina@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail de contato: [charleisilva@ufgd.edu.br](mailto:charleisilva@ufgd.edu.br)

## 1–Introdução

O presente trabalho realizado em nível de Doutorado no âmbito do Laboratório de Geografia Física da Universidade Federal da Grande Dourados tem como objetivo discutir a paisagem do Pantanal Sul-Mato-Grossense, mais especificamente dos territórios de Corumbá/MS/Brasil, Porto Suarez e Porto Quijarro/Santa Cruz/Bolívia. São resultados preliminares da pesquisa “Paisagem e Turismo de Natureza no Pantanal de Corumbá/MS/Brasil, Porto Suarez e Porto Quijarro/Santa Cruz/Bolívia e suas relações transfronteiriças que pretende entender o Turismo de Natureza no Pantanal de Corumbá/MS/Brasil, Porto Suarez e Porto Quijarro/Santa Cruz/Bolívia tendo a paisagem como foco principal de análise.

Corumbá/MS é um dos municípios que possui a maior área de seu território – 95,6% - no Pantanal (SILVA; ABNON, 1998), atrai turistas interessados no turismo de natureza, é um dos 39 municípios de Mato Grosso do Sul que se localiza na chamada faixa de fronteira e um dos 12 que se situam na linha de fronteira. Por esse aspecto é considerada uma cidade gêmea juntamente com Porto Suarez que pertence ao Departamento de Santa Cruz/Bolívia e ainda um caso de semi-conurbação pelo fato das cidades não serem ligadas de forma contígua (OLIVEIRA, 2008). Porto Suarez e Porto Quijarro também se situam no Pantanal mas são conhecidas apenas pelo turismo de compras.

Sob essa perspectiva a discussão considera a abordagem sistêmica como método de análise (SILVA, 2006; CAPRA, 2006; BETARLANFFY, 1977; VASCONCELLOS, 2002) e entende que a paisagem vai além da questão natural. Nesse sentido, a paisagem é discutida sob dois pontos de vista: a paisagem como porção da superfície da terra – geossistema – e a paisagem como imagem que aqui será definida como simbólica. Do ponto de vista da paisagem simbólica, analisa-se como a mesma é apropriada pelo turismo considerando que expectativas e imaginários relacionam o Pantanal à possibilidade de um encontro com a “natureza”.

A pesquisa considera o fato de que esse mesmo Pantanal também pertence a outro país, em uma área de fronteira que geralmente é associada ao medo, tráfico, falta de segurança e que até a década de 90 tiveram forte repercussão na mídia nacional como lócus de diferentes formas de crime organizado (PAIXÃO, 2006).

Para o pesquisador Oliveira (2010) no imaginário popular a fronteira é sinônimo de contrabando, narcotráfico e outras ilicitudes.

## 2- Discussão e Resultados Parciais

Neste item são abordados os resultados parciais da presente pesquisa analisando as paisagens processuais - geossistema - e simbólicas do Pantanal.

### 2.1 Paisagem Natural: o Geossistema

O Pantanal é reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO). Localizado na Bacia do Alto Paraguai é uma das maiores planícies alagáveis do mundo com 138.183km<sup>2</sup> disseminado entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul além de uma pequena parte em território boliviano e paraguaio (BRASIL, 1997). Sua importância ambiental está relacionada à grande variedade florística e faunística que se origina das regiões Amazônica, do Chaco, dos Cerrados e da Mata Atlântica que contribuem maximizando a sua diversidade biológica que é sustentada pelo regime hidrológico. Para Ab´Saber (2006), o local é sem dúvida a mais importante bacia detrítica quaternária do país.

No Brasil, o Pantanal ocupa uma área de 138.183 km<sup>2</sup> sendo que 48.865 km<sup>2</sup> (35,36%) estão no MT e 89.318 km<sup>2</sup> (64,64%) no MS (SILVA; ABNON, 1998). É considerado “... um dos mais belos, extensos e diversos conjuntos de Terras Úmidas (TU’s) do mundo” (ADAMOLI, 2000, p. 3). Em Mato Grosso do Sul, o relevo caracteriza-se por terrenos pouco elevados das Planícies e Pantanaís Mato-grossenses e pelo Planalto da Bacia do Paraná com altitudes que variam entre 500 e 700 metros. Já as terras baixas são limitadas a leste pelas Serras de Maracaju e Campo Grande, a sudoeste pela Serra da Bodoquena e a oeste pelas morarias do Urucum-Amolar. “São formações importantes por conterem grandes reservas minerais e por apresentarem uma fisionomia variada, de grande valor paisagístico” (EMBRATUR, s/d). Com relação à vegetação existem diversos tipos de associações vegetais que mudam de acordo com o nível de água das inundações periódicas.

# XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO  
DE 9 A 12 DE OUTUBRO



Figura 1: As águas do Pantanal.  
Fonte: FUNDTUR, (2015) – Acessado em jun. 2015  
Organização: MARTINS, P. C. S, 2015.

Entende-se a paisagem como a fisionomia do próprio Geossistema (NUCCI, 2009). O conceito de geossistema enquanto entidade de estudo da paisagem que evidencia a relevância da ação e dinâmica antrópica na modificação da paisagem - a interação e a integração dos elementos abióticos (solo, relevo, clima, hidrografia) , bióticos ( vegetação e animais) juntamente com ações antrópicas (NEVES; HIRATA; STIPP, 2014). A autora Vale (2012, p. 104) ilustra bem essa questão:

No geossistema ocorre a combinação do potencial ecológico, que envolve o clima, a hidrologia e a geomorfologia; a exploração biológica, incluindo a fauna, a flora e o solo, além da ação antrópica, representada pelas manifestações sociais, econômicas, culturais da sociedade. Nesse sentido, entende que, o geossistema é um “palco”no qual pode ser percebida a interação sociedade-natureza, e que pode ser mapeado, lido e compreendido pela ótica de um geógrafo.

As estações de seca e cheia que caracterizam essa planície são fruto dos pulsos de inundação. É um processo ecológico essencial que comanda a riqueza, a distribuição e a abundância da biodiversidade local (RESENDE, 2004). Para Girard e Vargas (2008) a biodiversidade de cada ambiente é dependente do pulso de inundação.

Para Junk e colaboradores (1989) apud Resende (2008, p. 9) esse pulso de inundação é “... a principal força direcionadora responsável pela existência, produtividade e interações da biota em sistemas rio planície de inundação...”.

Essa característica peculiar da planície pantaneira somada à grande interação entre os fatores bióticos e abióticos faz com que a mesma apresente uma heterogeneidade paisagística (BAZZO, ET AL, 2012) que resulta inclusive em diversos “Pantanais”.

Minhoto, Paranhos Filho e Albrez (2012) apresentam um resumo dos principais estudos relacionados com a delimitação fisiográfica no Pantanal. Os diversos autores consideram vegetação, umidade, processo de sedimentação para essa divisão. Porém, as divergências aparecem sobre os limites de cada área.<sup>3</sup>

Com relação ao pantanal boliviano existe pouca informação sobre a composição florística de seus bosques e mesmo se existe essa divisão em diversos Pantanaís. Em Porto Suarez existem quatro grandes paisagens fisiográficas: serras, planícies, colinas e planícies alagáveis e parte do território municipal corresponde a áreas de inundação - breve e duradoura - (MARTINS, MARTINS, 2010). Os autores ainda apontam algumas características da biodiversidade local.

Já Porto Quijarro apresenta as planícies, colinas, planícies aluviais e de inundação como paisagens fisiográficas. 80% do solo do município é ocupada com parques e reservas (MARTINS, MARTINS, 2010). Ainda segundo os autores, existem poucos dados sobre a composição florística das florestas que correspondem a formações semidecíduais de origem chiquitana. A fauna também é diversa “... mas ainda não existem estudos mais específicos e comparativos sobre sua formação geológica e geomorfológica” (FIGUEIREDO, 2010, p. 130).

Um dos poucos materiais encontrados sobre o local traz uma informação interessante: desde 1997 a parte sudeste do Pantanal Boliviano pertence ao Parque Nacional de Otuquis que possui cerca de um milhão de hectares (STEPHANES, 2010).

---

<sup>3</sup> Entende-se que há uma complexidade na formação dessas paisagens, mas nesse momento não se pretende adotar um autor em específico para definir quais são esses Pantanaís já que o objetivo é falar da Paisagem Natural: o Geossistema.

Porém, não se sabe a extensão dessa área úmida, detalhes sobre biodiversidade, solo, relevo, regime de inundação dentre outras características desse geossistema como temos sobre o Pantanal brasileiro “... ao contrário do que se imagina, nem todas as áreas do Pantanal são afetadas, podendo-se dividir o Pantanal em regiões baixas, que quase sempre permanecem alagadas, regiões de altitude intermediária, que inundam durante o período de cheia, e regiões altas, que nunca inundam (OLIVEIRA, PAGOTTO, PARANHOS FILHO, MOREIRA, 2012, p. 30).

Independente de detalhes a respeito do regime de inundação entende-se que o Rio Paraguai é o grande responsável pelas paisagens pantaneiras que inclusive resultam nos diversos “Pantanais”.

## 2.2 Paisagem Simbólica: a apropriação do Geossistema

As paisagens vão além da questão natural “É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (BERTRAND, 2004, p. 141). Para Sauer (2004) as paisagens podem ser naturais e culturais sendo que essas últimas trazem a marca da ação do homem sobre a área.

Do ponto de vista da paisagem simbólica, entende-se que a mesma é utilizada pelo turismo considerando que expectativas e imaginários relacionam o Pantanal à possibilidade de um encontro com a “natureza”. Para Girard e Vargas (2008) seria o “Pantanal Google<sup>4</sup>” em que o Pantanal é comercializado como imaculado, diversificado, exuberante. Um local idealizado, uma natureza intocada e sem vínculos com o Pantanal “Pantaneiro”.

Porém, é importante ressaltar que há uma incapacidade da atividade turística em trazer para si a paisagem natural, o geossistema. Poucos interpretam essa dinâmica processual que certamente diminuiria alguns equívocos e insatisfações<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Os autores apresentam três vertentes ou percepções sobre o Pantanal – Pantanal Científico, Pantanal Pantaneiro e o Pantanal Google - e questionam sobre a viabilidade do turismo enquanto atividade propulsora de desenvolvimento local.

<sup>5</sup> No sentido das surpresas desagradáveis aos turistas como, por exemplo, a expectativa de que verão determinados bichos e o fato de que pode haver súbitas quedas de temperaturas em função de

justamente por mostrar que as características físicas do Pantanal fazem com que o mesmo possua períodos de cheia e seca, altas temperaturas, insetos, dentre outras peculiaridades. A maioria dos turistas espera ver bichos em abundância e imaginam que todas as paisagens são iguais. Sendo que existem diversos “Pantanais” justamente porque existem diferenças do ponto de vista do geossistema. Compreenderia o que Urry (2001) chama do “Olhar do Turista”. Para o autor “Os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia...” (p. 11). Expectativas relacionadas a práticas não-turísticas como o cinema, televisão, revistas. Expectativas e imaginários que relacionam o Pantanal à possibilidade de um encontro com a “natureza” (Ibdem);

Segundo Sauer (2004, p. 59), “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. Sob a influência de, uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo...”

As paisagens simbólicas são relacionadas ao Pantanal no período da “cheia”<sup>6</sup>, da onça pintada, dos tuiuiús, dos peixes, das lagoas cheias. Porém, não há como prever quais animais poderão ser vistos. Bois e jacarés costumam aparecer com abundância. Além disso, o acesso a alguns lugares fica comprometido durante o período de cheia. Para Girard e Vargas (2008) a biodiversidade de espécies apresentadas pelos sites é distorcida.

---

inversões térmicas no inverno seco que surpreendem mas também causam desconforto (PAIXÃO, 2006).

<sup>6</sup> O período de cheia vai de outubro a abril. Já a “seca” de maio a setembro.

# XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO  
DE 9 A 12 DE OUTUBRO



Figura 02: Paisagens pantaneiras  
Fonte: FUNDTUR (2015); Hotel Barra Mansa (2010).  
Organização: MARTINS, P. C. S, 2015.

Apesar desta região também ser uma área de fronteira que geralmente é associada ao medo e na memória de alguns ainda se faz presente o “trem da morte” (PAIXÃO, 2006) o simbólico no Pantanal é ligado à água, a beleza cênica resultante da dinâmica hídrica da região. Outros elementos simbólicos dessa fronteira como formas distintas de condução política, possíveis marcos, a miscigenação cultural de valores, gastronomia e tradições entre bolivianos e brasileiros não são percebidos pelos turistas<sup>7</sup>. Para Paixão (2006, p. 98):

...o estabelecimento de demarcações territoriais pode ficar mascarado pela contigüidade e homogeneidade paisagística. Seria possível afirmar que, sob esse prisma, configuram-se quadros onde, não raramente, subtraem-se ao campo visual e perceptivo dos turistas, sobretudo, os traços e feições que

<sup>7</sup> Seria possível tecer considerações a respeito da riqueza patrimonial arquitetônicas de Corumbá/MS tombado em 1993, sua história que está relacionada ao seu apogeu relacionado à expansão do comércio portuário dentre outros. Porém, não é o foco deste trabalho.



ressaltem a fronteira como um dos componentes dessas paisagens, se não pelas construções que os Estados têm edificado sobre elas (marcos delimitatórios).

O percebido se relaciona quase que exclusivamente ao turismo de compras. Mas as possibilidades associadas à cultura e à condição de fronteira são diversas. Com relação a miscigenação cultural Paixão (2006) destaca o Banho de São João nas águas do rio Paraguai, a procissão fluvial de Nossa Senhora do Pantanal, a cantiga dos cururueiros da viola de cocho no Brasil e na Bolívia festa de urkupiña. Na gastronomia os destaques são o caldo de piranha, peixe a urucum, arroz boliviano e sarrabulho no Brasil e na Bolívia a salteña. Também podemos destacar as possibilidades de trocas, da língua e de outros aspectos culturais que não são observados, mas que deveriam ser parte indissociável do destino de visitação (PAIXÃO, 2006). Para Figueiredo (2010, p118) “...existem inúmeras outras possibilidades turísticas fortemente atreladas à cultura e à condição de fronteira”.

### 3. Considerações Finais

O que faz com que a paisagem natural do Pantanal seja única são as características geomorfológicas, florísticas, faunísticas, pedológicas, climáticas e a dinâmica hídrica. Questões ou características fundamentais para a condição processual, para o geossistema, mas que são desconsideradas pelo turismo. “A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura” (SAUER, 2004, p. 59).

Mas entendemos que não há o simbólico, não há a fisionomia sem esse processual, o geossistema. Geossistema que do lado boliviano apesar de estar “logo ali” ainda carece de levantamentos e mapeamentos. O simbólico também está atrelado à fronteira que é uma área de possibilidades permeada por cotidianos (amizades, trabalho, serviços, trocas) bem como comunicação, complementaridades variadas, intensa articulação, informação e algumas vezes lugar de tensão e conflito (MACHADO, 2010; OLIVEIRA 2010). E é justamente essa permeabilidade, em contraste com o limite físico existente que deveria ser apreendida pelo olhar dos turistas que ali visitam.

## 4. Referências

- AB´SABER, A.N. **Brasil: paisagens de exceção: o litoral e o Pantanal Mato-Grossense: patrimônios básicos.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.
- ADÁMOLI, J. Bases para uma política comum de conservação das terras úmidas do Pantanal e do Chaco. In: III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal, 2000, Corumbá/MS. Anais...Corumbá , 2000.
- BAZZO, J. C. et al. Aspectos geofísicos e ambientais do Pantanal da Nhecolândia. **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 29, n. 1, 2012. p. 141-161
- BERTALLANFY, L. v. **Teoria geral dos sistemas.** 3. ed. Petrópolis: Vozes,1977.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **R. RA´E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **PCBAP – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai.** 1997. Disponível em <<http://www.riosvivos.org.br/pantanal/principal.php?opt=3&alt=PCBAP>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.
- FIGUEIREDO, N. de P. **Produção do espaço: potencialidades do turismo na área urbana da fronteira Brasil-Bolívia.** 2010. 96 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2010.
- GIRARD, Pierre; DE VARGAS, Icléia A. Turismo, desenvolvimento e saberes no Pantanal: diálogos e parcerias possíveis. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 18, 2008. p. 61-76.
- MACHADO, L. O. Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia. In: NUÑES, Angel, PADOIN, Maria Medianeira, OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Dilemas e diálogos platinos.** Fronteiras. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.
- MARTINS, G. I.; MARTINS, C. D. Estudo sobre a faixa de fronteira (Bolívia – Brasil (MS) – Paraguai. In: SEBRAE/MS. **MS Sem Fronteiras** – Documento – Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais: Brasil, Bolívia, Paraguai. Campo Grande, MS: SEBRAE/MS, 2010. p 31-236.
- MIOTO, C. L; PARANHOS FILHO, A. C.; ALBREZ, E. do A. Contribuições à caracterização das sub-regiões do Pantanal. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 3, n.6, 2. semestre de 2012. p 165 – 180
- NEVES, C. E. das; MACHADO, G.; HIRATA, C. A.; STIPP, N. A. F. A importância dos geossistemas na pesquisa geográfica: uma análise a partir da correção com o ecossistema. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, 26 (2), mai/ago, 2014. p. 271-285.

- NUCCI, J. C.. Ecologia e planejamento da paisagem. In: SANTOS, D. G.; Nucci, J. C. (orgs). **Paisagens geográficas**: um tributo a Felisberto Cavalheiro. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2009. p. 50-64.
- OLIVEIRA, A. K. M. de; PAGOTTO, T. C. S.; PARANHOS FILHO, A. C.; MOREIRA, E. S. O desmatamento no Pantanal: causas e conseqüências. In: ALVES, G. L; MERCANTE, M. A.; FAVERO, S. (orgs). **Pantanal Sul-Mato-Grossense**: ameaças e propostas. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Universidade Anhanguera – UNIDERP, 2012. p. 29-58.
- OLIVEIRA, T. C. M. de. A lógica espacial do território fronteiriço – os casos das aglomerações de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Ladário-Corumbá-Puerto Quijarro-Puerto Suarez. In: SEBRAE/MS. **MS Sem Fronteiras** – Documento – Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais: Brasil, Bolívia, Paraguai. Campo Grande, MS: SEBRAE/MS, 2010. p. 239 – 255.
- \_\_\_\_\_. Os Elos da Integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia. In: COSTA. E.A. OLIVEIRA, M.A.M.(org.) **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: Edufms. 2008.
- PAIXÃO, R. O. **Turismo na fronteira**. Identidade e planejamento de uma região. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.
- RESENDE, E. K. **Os controles geocológicos e os pulsos de inundação no Pantanal**. Artigo de Divulgação na mídia. Embrapa Pantanal, Corumbá – MS, n. 63, p. 1-2, mai., 2004.
- \_\_\_\_\_. **Pulso de inundação**: processo ecológico essencial à vida no Pantanal [recurso eletrônico]. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.
- RIBEIRO, M. A. Entre **Os ciclos de cheia e vazante a gente do Pantanal produz e revela geografias**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2014.
- SAUER C. O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 12-74.
- SILVA, J. dos S. V. DA; ABNON, M. de M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. **Pesq. agropec. bras**, Brasília, v.33, Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.
- SILVA, C. A. da. **Análise sistêmica, turismo de natureza e planejamento ambiental de Brotas: proposta metodológica**. 2006. 316 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2006.
- STEPHANES, G. Pantanal boliviano em perigo. 2010. Disponível em <<http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Pantanal+boliviano+em+perigo/15540> acesso em 11/05/15 > Acesso em: 11 mai. 2015.

# XI – ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE

A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO  
DE 9 A 12 DE OUTUBRO

URRY, J. **O olhar do turista**. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VALE, C. C. do. Teoria geral do sistema: histórico e correlações com a geografia e com o estudo da paisagem. **Entre -Lugar** . Ano 3, n. 6, 2013, p. 85-108.

VARGAS, I. A. **Território, identidade, paisagem e governança no Pantanal Matogrossense**: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa. 2006. 260 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.